

MAGNANI, José Guilherme Cantor (Org.); SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

GABRIEL AVILA CASALECCHI

Organizado por Bruna Mantese de Souza e José Guilherme Cantor Magnani *Jovens na Metrópole: etnografias de circuito de lazer, encontro e sociabilidade* é o resultado de pesquisas originadas na disciplina “pesquisa de campo em antropologia” ministrada pelo por Magnani na USP em 2003-2004 somados a trabalhos adicionais de reflexão e elaboração do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU). O livro é composto por: prefácio (Hermano Vianna), introdução (José Guilherme Cantor Magnani), dez etnografias (Bruna Mantese de Souza; Daniela do Amaral Alfonsi; Adla Bourdoukan; Ana Luiza Mendes Borges e Clara de Assunção Azevedo; Fernanda Noronha, Paula Pires e Renata Toledo; Ariana Rumstain; Carolina de Camargo Abreu; Camila Iwasaki; Márcio Macedo; Alexandre Barbosa Pereira), conclusão (José Guilherme Cantor Magnani) e posfácio (Luiz Henrique de Toledo).

Jovens na Metrópole é, em um sentido mais evidente, uma obra etnográfica; a descrição dos espaços, das práticas que sobre ele se desdobram, dos encontros e desencontros dos atores sociais, todas elas, como boas descrições, fazem-nos reconstruir as situações descritas em nossas mentes, associando-as, por diversas vezes, com imagens da nossa própria experiência, provocando-nos a pensar sobre questões que estiveram tantas vezes a nossa frente mais passaram despercebidas.

Mas *Jovens na Metrópole* é também uma experiência metodológica; pois o modo como

as etnografias são construídas obedecem a um enfoque específico e estrategicamente elaborado para se contrapor (ou, poderíamos também dizer, complementar) às pesquisas tradicionais das “tribos urbanas” de jovens, compreendidos sobre a égide do nomadismo, da fragmentação e do consumo. Em que consiste essa estratégia?

Trata-se de um deslocamento quanto ao objeto: ao invés de partir da condição do jovem (que supostamente remete a diversidade de manifestações a um denominador comum), a idéia, segundo Magnani, é partir mais de

sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflito, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca (p. 19).

Qual é a consequência desse deslocamento? É sobretudo, continua o autor, chamar a atenção em primeiro lugar “para a sociabilidade e não tanto para pautas de consumo e estilos de expressão ligados à questão geracional, tônicas das ‘culturas juvenis’” (p. 19) e, em segundo lugar, “para as permanências e regularidades, em vez de fragmentação e nomadismo, mais enfatizados na perspectiva das ditas ‘tribos urbanas’” (p. 19).

Dessa forma, a proposta, segundo Magnani, é

Levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores, etc.) quanto o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço (p. 19).

Essa perspectiva exigiu não só um esforço nas próprias etnografias, como também na construção de conceitos específicos. Ao longo do texto encontramos dentre eles: o *pedaço*, designando um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve a sociabilidade básica, mais ampla, densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade; as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano permeadas por equipamentos e espaços que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante; *trajeto*, aplicando-se aos fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas; por fim, o *circuito*, categoria que descreve o exercício de práticas e serviços por meio de estabelecimentos, equipamentos, espaços que não mantêm em si uma relação de contigüidade espacial, mas são reconhecidos em seu conjunto pelos seus usuários.

Essa é a moldura teórica sob a qual os quadros etnográficos serão pintados: trata-se de observar, sob o olhar antropológico, os diversos trajetos dos jovens entre os pedaços e manchas da cidade, compondo um complexo circuito de encontros e desencontros onde se desenvolvem a diversidade de suas sociabilidades e os usos e apropriações do espaço urbano.

Abrindo a relação das etnografias, *Straight Edges e suas relações na cidade*, de Bruna Mantese de Souza, já nos põe em contato com a

perspectiva metodológica que subjaz o livro: a relação de um grupo de jovens que por suas convicções morais e políticas passam a fazer parte de um *pedaço* (a sorveteria soroko) e uma *mancha* (o cruzamento da Rua Augusta e a Avenida Paulista) específica “não apenas para consumir os produtos que estão de acordo com seus preceitos, mas também para desfrutar de uma sociabilidade que só é possível entre seus pares” (p. 37).

O forró universitário em São Paulo, de Daniela do Amaral Alfonsi, descreve-nos os modos de expressão simbólica (desde vestimentas a expressões corporais) e as formas de sociabilidade características frequentadores na *mancha* do forró universitário, demonstrando os conflitos entre diferentes grupos de forró ao se entrecruzarem em seus *circuitos* ao tentarem eleger o que é ou não o “verdadeiro” forró: “tentou-se, nesse texto, apontar as disputas e transformações que envolveram o forró universitário” (p. 64).

Carpe Noctem: góticos na internet, de Adla Bouroukan, apresenta-nos à construção da identidade de um grupo de jovens por um pedaço que opera em outra lógica dimensional e temporal, um pedaço virtual por meio da internet:

no pedaço virtual a identidade desse grupo, assentada na oposição fundadora vida versus morte, assume sua feição dinâmica e fluida e se reconstrói em uma série de outras oposições e significados em torno dos quais se agregam os membros do grupo (p. 81).

A mancha de lazer na Vila Olímpia, de Ana Luiza Mendes Borges e Clara de Assunção Azevedo, demonstra-nos como fatos como uma fila, buzinas, trânsito, que em um dia comum estressam qualquer paulistano, são, na mancha da Vila Olímpia, verdadeiros atrativos para determinados jovens, tornando-se, “um lugar

propício para as pessoas se mostrarem e circularem, sempre convidando a população frequentadora para mais um passeio – seja indo ao encontro dos iguais ou de encontro aos diferentes” (p. 114).

Japas e Manos (ou streeteiros e b.boys) na estação conceição do metrô, de Fernanda Noronha, Paula Pires e Renata Toledo,

mostra que o encontro entre dois grupos de jovens com características diferentes, na estação Conceição do metrô, resulta em trocas simbólicas e em aproximações que se tornam possíveis, em grande parte, por meio da dança – linguagem comum entre os dois grupos (p. 117).

Esses encontros, possíveis através da apropriação dos instrumentos de um *pedaço* específico, são marcados, por sua vez, por tensões e desigualdades próprias das relações sociais metropolitanas.

A balada do Senhor, de Ariana Rumstain, apresenta-nos à formação de um modo de sociabilidade jovem cujo elemento estruturador é a opção religiosa; desde os eventos musicais as marchas em ruas da cidade, o circuito desses jovens “oferece sustentação a um tipo de religiosidade interdenominacional, uma nova maneira de se colocar no mundo, sem rejeitá-lo, mas ressignificando-o” (p. 149).

A Galeria Ouro Fino: a mais descolada da cidade, de Carolina de Camargo Abreu, levamos a um “espaço de conexão entre diferentes *pedaços* que se encontram sob o emblema de ‘moderno’ ou ‘descolado’” (p. 151) no qual a música e a cena eletrônica compõem o palco dos *trajetos* que se encontram na Galeria Ouro Fino.

Jovens instrumentistas: o improvisado de todo dia e de toda noite, de Camila Iwasaki, levamos ao estilo de vida do jovem instrumentista e suas regras de sociabilidade que orbitam em torno de um núcleo articulador comum, a música instrumental; a partir daí, levamos,

também, a compreender o quanto essa prática esta vinculada aos espaços da cidade, de forma que

a apropriação e a conseqüente transformação dos locais utilizados também tornam a cidade um produto do uso dos grupos, pois seus componentes optam por diferentes locais, trajetos e espaços que garantam a sustentabilidade de seu estilo de vida (p. 179).

Baladas Black e Rodas de Samba da Terra da Garoa, de Márcio Macedo, alerta-nos que “ir a determinado baile e não ir a outro corresponde a se posicionar em relação ao seu grupo social e à sociedade” (p. 190), e é isso que observamos nessa apresentação aos espaços de sociabilidade e lazer de jovens afro-paulistanos que compõem um circuito redimensionador dos elementos raciais e musicais constitutivos da identidade racial de parte dos negros paulistanos.

Encerrando as etnografias *Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano*, de Alexandre Barbosa Pereira, faz-nos compreender que mais do que delinqüência juvenil, a pichação é um modo de sociabilidade, marcado por reconhecimento e disputas num movimento de apropriação de *pedaços* da cidade: “constroem pontos de encontro que se constituem em espaços de troca e alteram a paisagem urbana através de suas inscrições grafadas na cidade” (p. 244).

Em linhas resumidas, essa é a forma e a substância de *Jovens na Metrópole*. É nessa articulação estratégica entre a juventude e seus *circuitos* pelo espaço urbano que, a nosso ver, está o mérito do livro bem como sua posição entre aqueles livros necessários a qualquer um que se interesse por um (jovens) ou por outro (cidades) e, em um sentido mais amplo, pela dinâmica mais geral das relações dos atores sociais no espaço público. Como lembra Magnani, a título de encerramento:

As etnografias que fazem parte desta coletânea não apenas mostram algumas formas através das quais os jovens se relacionam entre si e com a cidade, mas também permitem pensar, de uma maneira geral, como os diferentes atores sociais

se colocam no espaço urbano, circulam por ele, usufruem seus equipamentos e, nesse processo, estabelecem padrões de troca e encontro no domínio público. (p. 252).

autor

Gabriel Avila Casalecchi

Graduando em Ciências Sociais/UNESP-Marília

Recebida em 26/10/2009

Aceita para publicação em 27/11/2009